

In memoriam, rememorar, comemorar

Fernando Atique, Lidia Quiéto Viana, Marcio Cotrim e Rachel Coutinho Marques da Silva

1.

É com muita satisfação que publicamos a edição do número 11 da Revista *Thésis*, periódico da ANPARQ - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo. Nós editores nos perguntamos: devemos comemorar mais uma edição? É difícil pensar em comemorar algo após um ano tão avassalador. Se no final de 2020 surgia uma fresta de otimismo e esperança com a diminuição dos números de infectados e mortos por COVID-19 e com as primeiras aplicações de vacinas em vários países, logo em meados de fevereiro deste ano, uma realidade cruel se impôs com as novas ondas e novas variantes, deixando um rastro de devastação e ruínas de grandes proporções. O planeta ao longo de 2021, aterrorizado com os números diários de mortos — maiores que os de uma guerra — não podia imaginar que chegaríamos a dias nos quais mais de 3000 seres humanos perderiam suas vidas sem que médicos, trabalhadores da saúde e o complexo de saúde coletiva, pudessem impedir tal catástrofe. As raspas e restos, cacos, sequelas e impactos desses dois anos na sociedade mundial e nas populações atingidas — e do que ainda está por vir — não são mensuráveis, tampouco compreensíveis. Do ponto de vista macroeconômico talvez sim; de fato, e como sempre, há previsões por todos os lados. O BIS (*Bank of International Settlements*), por exemplo, acaba de anunciar a chegada de uma “densa nuvem inflacionária” sobre a América Latina. Na África, os efeitos das medidas de prevenção contra a nova variante Ômicron também já indicam processos de agravamento econômico. Mas e os efeitos disruptivos sociais, ambientais e econômicos — em especial sobre as parcelas mais vulneráveis das sociedades —, as sequelas psicológicas, os impactos na produção cultural e no modo de viver o “novo normal”, a transformação à força de hábitos consolidados e o caldo

político obscurantista que encontra ambiente favorável para escorrer por terra arrasada? Esses não são mensuráveis ou previsíveis e escapam da percepção coletiva da sociedade forjada em grande parte nas redes sociais. Não há, em definitivo, algo a comemorar, mas certamente a rememorar.

Em **Rehabitar o Imaginar, Reimaginar o Habitar** na editoria **Passagens**, resultado da curadoria de **Arthur Rozestraten** trata de aspectos não perceptíveis ou mensuráveis do período que estamos vivendo, especialmente da noção de habitar (incluindo aqui habitar as cidades). Esta primeira parte — a segunda será publicada na edição número 12 — é pensada exclusivamente por meio de imagens fotográficas de “passagens comuns (pan) a todos (demos), semeadas no Instagram, entre fevereiro de 2020 e janeiro de 2021, no Brasil” que permitem estruturas narrativas livres do cotidiano de personagens anônimos. Estas imagens foram produzidas por fotógrafos e artistas visuais radicados em cinco cidades do país: Olhotorto (São Paulo), Andrew Leal (Belém do Pará), Amanda Monasterio (Fortaleza), Gsé Silva (São Paulo), Bia Moço (Ouro Preto), João Mascaro (São Paulo), Nuri Macêdo (Belo Horizonte) e Agatha Creston (Fortaleza).

Na edição anterior, este comitê editorial nomeou alguns colegas que faleceram em 2020 decorrente do COVID-19. O objetivo foi uma pequena e respeitosa homenagem: registrar nas páginas da revista da nossa associação que representa uma área que ajudaram a construir. A rapidez com que as notícias chegavam e como o panorama se transformava era tamanha que colegas não puderam ser incluídos. Motivo pelo qual, **Geovany Jessé Alexandre da Silva (UFPB)**, **Fernando Betim Paes Leme (PUC-Rio)** e **Vera**



Magiano Hazan (PUC-Rio) acabaram não aparecendo, e por isso o fazemos agora. Ainda antes do fechamento desta edição, soubemos do falecimento de Ruy Ohtake. Nos últimos meses continuamos a enfrentar a perda de colegas de diversas instituições acadêmicas associadas à ANPARQ e diversos profissionais da nossa área de arquitetura e urbanismo em diversas cidades do país. Neste número, ainda, e também como modo de rememorar, **Fernando Viegas e Maira Rios, Juliana Suzuki, e Renato Anelli** foram convidados a escrever textos sobre, respectivamente, **Paulo Mendes da Rocha, Jaime Lerner e Lina Bo Bardi**.

2.

A seção **Ensaio**, aberta à submissão e avaliação às cegas por pares, conta com seis artigos nesta edição. O primeiro, **Que contribuições virão da Amazônia brasileira para o urbanismo do século XXI?**, de **Ana Claudia Cardoso** trata de uma problemática emergencial, por meio da “complexidade do município amazônico” propõe “reflexões sobre a necessidade do urbanismo do Sul-Global incorporar discussões socioambientais”.

Os dois que se seguem, **Vicissitudes da liberdade disciplinar: Contribuições para uma discussão crítica sobre o ensino do projeto de arquitetura**, de **Guilherme Lassance**, e **Sobre repertório e outras controvérsias**, de **Flavio de Lemos Carsalade**, discutem aspectos fundamentais para o avanço do campo disciplinar: o ensino de projeto nos cursos de arquitetura e urbanismo.

Os três últimos são textos que se situam no campo da história e historiografia do século XX. No primeiro,



Palácio do Exército: Projeto e experiência de Oscar Niemeyer para o Quartel General do Exército em Brasília - 1968-73, de **Bruno Pedro Campos e Eduardo Rossetti**, os autores demonstram que “certas lacunas podem ser detectadas e abrir um campo para especulações”, no caso específico, de um conjunto arquitetônico destacado em um setor urbano autônomo, “o Setor Militar Urbano – SMU, que é parte integrante dos espaços representativos da capital” do país. Nos outros dois — **Da várzea à Avenida Pacaembu: Um plano moroso, negligente e bem-sucedido para São Paulo (1923-1942)**, de **Renata Siqueira** e em, **As sujidades implexas do urbanismo: O relatório sobre os Divertimentos Públicos e as interferências do Departamento de Cultura no espaço urbano na cidade de São Paulo**, de **Maíra Rosin** —, a discussão é ampliada para a esfera dos planos urbanos de meados do século passado, evidenciando as contradições entre os papéis dos diferentes agentes.

A resenha ficou a cargo de **Luiz Amorim**, antigo editor da revista *Thésis* e um dos seus fundadores. O livro resenhado, **Coleção Arquitetura Moderna na Bahia (1947-1951)**, de autoria de **Nivaldo Vieira de Andrade Junior**, resultante da sua tese de doutorado, *Arquitetura Moderna na Bahia, 1947-1951: uma história a contrapelo*, orientada pela professora Esterzilda Berenstein de Azevedo e defendida em 2012, foi premiado pela ANPARQ em 2020 na categoria livro autoral. Segundo Amorim, “acrescenta uma pedra de fecho neste esforço de compreender as diversas dimensões da experiência moderna no país”.

Finalmente, na editoria **Arquivo**, **Laís Bronstein** traduziu o já clássico **Arquitetura Débil**, de **Ignasi de Solà-Morales**, publicado pela primeira vez em 1987



em castelhano e inglês na revista *Quaderns d'Arquitectura i Urbanisme*, n. 175, em Barcelona. A tradução foi feita a partir do texto homônimo re-publicado no livro **Diferencias. Topografía de la arquitectura contemporánea**. Barcelona pela editora Gustavo Gili em 1995.

3.

Comemorar ao fim e ao cabo é um modo de rememorar coletivamente, cuja lógica está a um só tempo no passado e no futuro, portanto, um modo de resistência contínua no afã de não esquecer, de apreender e transformar. Se por um lado, a pandemia nos trouxe muita dor e perdas, por outro, nos trouxe muitos ensinamentos: empatia, solidariedade, e um repensar das nossas prioridades. Habitar, reabitar, encontrar e reinventar. Estamos em tempos de profundas transformações e de graves ameaças ao planeta e à nossa própria sobrevivência enquanto espécie. Produzir conhecimento e registrar saberes nesse tempo tão desafiador é um legado que deixamos para as futuras gerações. Comemoremos, pois, nosso número 11.



